

3

ENTREMEZ NOVO
DA
CASTANHEIRA,
OU
A BRITES PAPAGAIA.

PESSOAS.

Hum Inglez. Zabumba, Marujo.
Perluxe, Taberneiro. Hum preto.
Papagaia, Castanheira. Isabel, preta.
Hum Cabo da Ronda.



1436253

SCENA UNICA.

Vista de rua, com huma taberna ao lado.

*Apparece sentada Papagaia com fogareiro, e açador,
e do outro lado o Taberneiro, sentado em hum
banco, e caximbando.*

*Pap. QUEM vem, quem as quer quentinhas;
Quem vem a Castanheira,
Que tem colherinhas
Com gosto especial.*

*Tab. Que viva a voz da Sereia,
Com que amor tudo amotina.*

*Pap. Muito obrigada a lisonja,
Veja se engana a menina;
Mas que me diz do Zabumba?
Sempre he amante firme:
Ha mais de duas semanas
Não ha quem lhe ponha a vista:
Hade entrar-me com desculpas,
Dizendo que esteve a bordo,
E hade mentir, porque sabe*

Que eu ralho só e não mordo:

A tal filha do Zaranza ,
 Contra-Mestre da Ribeira ,
 Tem-lhe feito pela sonça
 Trabalhar muito a moleira ;
 Porém deixem-na comigo ,
 Que talvez que lhe dê fala.

Mas ha de saber quem he Brites ,
 Por alcunha a Papagaia.

Quem vem , quem as quer quentinhas ,
 Duas duzias hum vintem.

Ah traidor , falsario amante!

Coitada de quem quer bem!

Tab. Deixa-te disso , pequena ;

Não tomes o caso a peito ,
 Deita o olho a outro Amante ,
 E faze o mais a teu geito.

Pap. Outro com a graça daquelle ,

Não he facil de pilhar ,
 Nem ha em todo este bairro ,
 Quem lhe chegue ao calcanhar ,
 Onde ha outro que se atreva
 A travar com elle bulha ?

Inda que Alfama se corra ,
 O Caes do Tojo , e a Pampulha :

Quem com elle huma vez briga ,
 Não torna a querer mais da fructa ;

Não ha quem não tenha medo
 De ver aquella cambuta ?

Huma mulher como eu sou ,
 Faz chança de hum tal amante ;

Se alguém comigo se atreve ,

O despique he n'hum instante.

Quem vem , quem as quer quentinhas ?

Mas pobre de mim , coitada ,

Se aquelle demo me deixa ,

Estando tão empenhada ,

Devo ao Tendeiro hum tostão

Do sal , que foi de sardinhas ,

De carvão quatro vintens . . .

Ora quentinhas , quentinhas.

Devo mais alqueire e meio

De castanhas lá em baixo,
 E por ora estou em graça,
 Nem com hum só real me acho.

Tab. Tu has de achar, assim queiras
 Repartir os teus agrados,
 Aceitando os rendimentos
 De alguns teus desperdiçados:
 Se me queres affagar,
 E consentes que eu te affague,
 Só por dois caminhos teus,
 Talvez que tudo se pague.

Pap. Vossê faz mofa de mim!
 Quer que eu venda o meu carinho,
 A troco de duas iscas,
 E de huma gota de vinho!
 Eu, ou me pague, ou me não pague
 Não sou nada ambiciosa,
 Não ha outra no meu trato,
 Que seja mais primorosa:
 Se tiver brio, e quizer...
 A' vista do meu amor...

Tab. Adiante... ferramenta:
 Eu sou bom entendedor,
 Tudo farei; porem dize,
 Promettes-me guardar fé?

Pap. Logó abaixo do Zabumba,
 Todo o resto he de vossê.

Tab. Pois como tudo cantas bem,
 Vamos já pôr a viola
 Este amor jurado, e firme,
 Que até as tripas consola.

*Cantão, vão se para a taberna. Sahe Isabel
 com huma celha de mixilhões á cabeça.*

Isab. Ero tem sua pimentão,
 Cebora, cravo ero tem:
 Ero tem sua aïo, aïo,
 E azeite de Santalem.
 Pleta giro todo os rua,
 Por gaiar a sua vintem,
 Ero tem sua aïo, aïo,
 E azeite de Santalem.
 Quem chama pleta, quem completa

O Mixião glande de avero:
 O Mixião vai de glaça,
 O moio vare os dinheiro.
 Pleta aregra os vida passa
 Dos forçança sempre amiga,
 Pleta baia, pleta fôrça,
 Pleta canta sua cantiga. *Canta.*

Sahe Zabumba.

Zab. Adeos mãi Zabel, viste hoje
 A minha amada caxopa?
 Venho aqui a seu respeito
 Com saudades, vento em pôpa;
 Não sei que gracinha achei
 Naquelles olhos traidores,
 Que deixo barcos, e redes
 Por estes negros amores:
 Brancas, Mulatas, Mestiças,
 No Brazil já tenho tido,
 Mas em toda a minha vida
 Nunca me vi tão rendido;
 Creio que a beber me deu
 Agua do banho da tina,
 Depois de tanxar-se nella,
 Com alguma arte maligna:
 Isto não he natural;
 Amar eu, e deste modo
 Amar só huma mulher,
 Eu, que sempre as tive a rodo!

Isab. Se era para tanto amoro,
 Faz vozo bem de pagaro,
 Mas oia vozo que as laparigas
 Costumão pagar os caro,
 Eras hoje são demo.
 Todas tem oio mui fino,
 Capazes de dar o ópio
 Mesmo aos badallo do sino.

Zab. Tu dizes bem, mas eu cá
 Não receio essa questão;
 Sou amante despegado,
 Assim como me fãõ, fãõ:
 Aquelle que mos impinge,
 Nao me come mais vintem.

Dou-lhe por premio dois socos
 E adeõs, passe por lá bem;
 Porem a tal pequenota
 Anda direita em té agora,
 Faz incesços, e finezas,
 Dão-lhe desmaiõs, e chora:
 Se isto tudo he labia nella,
 Eu não posso adivinhar,
 Em quauto os ventos não soprão,
 Vamos sulcando este mar;
 Mas que he della? Não a viste?

Izab. Ah! são os apareio,
 Porem eu cá não sei della,
 Nem a vi depois que eu veio.

Zab. Não ha de estar muito longe,
 Visto ter alli o trem;
 Mas eu em jejum ainda!
 Esta historia não vai bem:
 Não me hade saltar trabalho,
 Logo ás primeiras razões,
 Pois não he pequena lida
 Entrar em sastefações,
 Porem antes que ella venha,
 E que entremos na fadiga,
 Vamos a cuidar nesta pança,
 Que amor não enche barriga. *Vai-se.*

Izab. O amor ros blanco reva,
 Sempre muita agua nos bico.
 Mas ah que hora tão feriz,
 Lá vem o meu pai Francisco.
Sihe o Preto com pincel, e hum bião de cal.

Pret. Ah mia Zaber, o preto
 Sempre se arembra de vozo;
 Só tu podes cá por dentro
 Fazer ao teu preto hum gozo:
 Venho do ciar huns casa
 De hum Sinoro blaucos Doutor,
 E os obra ficou mui mal feita,
 Por conta do nosso amor:
 Não pódia trabalhar,
 Porque os pleta me lembrava,

E amor como demonio,
 Parece que me tentava;
 No meio do meio travaio,
 Amor, eu dizia, sape,
 Mas o amero me fazia
 No coração trape, trape:
 Trago aqui para vozto gasto,
 Todo o gimbo que ganhei,
 Fora os creto dos Tendo,
 Ande tudo já paguei.

Izab. A' meu caxorro, meu cão,
 Devo te tantas finezas;
 Porem que queres tu mas,
 Do que a tua Isabero pleta:
 Ha tantos pletos no mundo,
 Como area tem c's plaia;
 Mas á vista dos meu pleto,
 São todos huma canaia:
 Hum pleto cõr de zebixe,
 Com os oios como os carneiro,
 Que he amante dos pletia,
 Com amor verdadeiro;
 He pleto que vare muito,
 Cá para os mia rembrança;
 Mas vamos meu Pai Flancisco,
 Vamos fazer os forgança.

Pret. Vamo, vamo ao nosso feste,
 Blinquemo, rimo, forgamo.

Izab. Vamo travaiar o Boque,
 Vamo os festa, vamo, vamo. *Cant. e v.*

Sahe hum Inglez.

Ingl. Este terre de Lisboa,
 Nem por isso he multe assente,
 Parece que treme tode,
 Mais que importe? Estar contente:
 Este ar não he nade certe,
 Huma hora he fria, outre quente,
 Faz defluxo, faz constipe,
 Mas que importe! Estar contente.
 Este gente multes vezes,
 Nem por isso he mui bom gente,
 Huma faz reze, outre furte,

Mas que importe! Estar contente.
 Todos seus Baiuques
 Tem um vinhe marinheiro,
 Que faz subir fogue, e fumo
 Cá o sime da molere.
 Este cabeça vacilla,
 Este carpe he carregade.
 Mas que importe! Estar contente.
 Não he nade, não he nade,
 Mui pouque cose me agrade
 Neste terre tão patife,
 Não ha huma bofisteque,
 Nem quem saiba faz rusbifes;
 Mas o lorange, godime!
 He hum frute aqui bom bom,
 E só por este comide
 Eu já non me quer vai non.
 Eu sou honrade Estrangeire,
 E vai diz tode a verdade,
 Eu vai diz as Procissões
 De tode este Cidade.
 Toda a Londres, e toda a França,
 Todo Italia, e todo o Hespanha,
 Todo o America revolta;
 E todo o munde tamanha,
 Nem tem formosura alguma
 Que desbanque os Portuguezes;
 Cada huma delles tem nos olhos
 Dòs fogareires accêzes:
 Tem espertezes galantes,
 Tem carinhes bonites,
 Que as almas dos Estrangeris
 Faz sahir dos seus limites:
 Grandes môces tem Lisboa,
 Tomara Carlos Terceire
 Trocar a sua Rainhe
 Só por este Castanheiro,
 Algumas vezes andado,
 Tem por aqui ao cheire della;
 Estas horas está dorminde,
 Mas eu vai-me ter com ella.
 Belle piquena deveres,

Bello terre certamente,
 Eu faz gosto, morre aqui,
 Já non me vai, estar contente. *Vai-se.*
Sahe Zabumba.

Zab. Entre as pipas escondido
 Até agora tenho estado,
 Hia a comer, não comi,
 Estour em ar de assombrado:
 A Senhora Papagaia
 Lá de dentro do balcão,
 Com o Taberneiro ás saudes,
 Fazendo a sua função!
 Nada, nada, não vai bom,
 Tenho a espinha na garganta;
 Saltou-me o vento na prôa,
 Já todo o mar se levanta:
 Não lhe pude ouvir palavra
 Do que ambos elles dizião;
 Porem já com a grelha n'alma
 Os cabellos se arripião;
 Mas como elles me não virão,
 Nem sabem que estou aqui,
 Para dar nesta tratada,
 Vou-me esconder mesmo ali. *Esconde-se.*

Sahe Papagaia, e o Taberneiro.

Pap. Comi, e bebi, alegrei-me;
 Mas no meio da função,
 Veio certa nuvem negra,
 Abafar-me o coração:
 Eu não sei o que adevinha
 O meu triste pensamento;
 Quem tivera nesta hora
 Hum peito de amor isento!
 Negra visão, vai-te já,
 Vai seguindo o teu caminho.

Tab. Essa visão logo passa,
 Em cozendo mais o vinho.

Pap. Logo então estou borraxa?

Tab. Eu por mim não digo tanto;
 Mas a pinga faz ver cousas,
 Que são dignas de alto espanto,
 Tu entraste na agua bem.

Foste-te indo atraz do choro,
 Como faço algumas vezes,
 Que não sei adonde móro.
 Socega hum pouco a cabeça,
 E tratemos em resumo
 Do nosso moderno amor,
 Em quanto te passa o fumo.

*Sentão-se Papagaia, e o Taberneiro no
 banco de tal sorte, que fique Zabumba
 no meio, quando se erguer, entre ambos
 dizendo o ultimo verso do que se segue.*

Tab. Agora mais descansados
 Nos poderemos abraçar.

Da ca, meu bem, esse mimo.

Zab. Tenha mão, mais de vagar!
 Quem lhe deu o atrevimento
 De abraçar esta Senhora.

Pap. Deixa-te disso, Zabumba,
 Verás como o trato agora.

Zab. Agora porque me vês,
 He que faz o seu dever.

Pap. Ou te veja, ou te não veja,
 Sempre estou no mesmo ser,
 Mil vezes a teu respeito,
 Meu amor manifesto.

Tab. Aquillo he a pura verdade,
 Eu não tive mais que hum resto,
 Mas este mesmo sobejo
 De hum amor tão verdadeiro,
 Me dera a distincta honra
 De ser tambem seu parceiro.

Zab. Qual parceiro? Irra com a graça!
 Eu não largo neste jogo.

Tab. Talvez que mude de humor,
 Quando esfriar esse fogo;
 Juizo, amigo, juizo,
 E á força da reflexão
 Devem as cousas tratar se
 Da mesma sorte quo são.
 Bem que seja hum taberneiro,

Sou hum homem illuminado,
 Porque tive alguns amos
 De quem fui digno criado.
 Fui criado de João Gomes,
 Nesta proza dos Cartazes,
 Muitas vezes o ajudei
 Por ser dos mais capazes:
 Tratei com toda a cambada
 No tempo da Zamparine,
 Servi o Bravo dois mezes,
 E mais de seis o Calxine;
 Pilhei Musica sem conto,
 Como vossês mesmo sabem,
 E eu mesmo me gabo a mim;
 Não he preciso que me gabem.

Zab. Então que tenho com isso?
 Quer que a exemplo dessa gente,
 Sofrendo o que elles sofrerão,
 Faça amante paciente?

Tab. Paciente, sim senhor.
 Todos assim devem ser,
 Huma vez que se regulem
 Por hum justo proceder;
 Eu amo os meus patriotas,
 Sejam estes, ou aquelles,
 Todos nascemos de hum pai,
 E o que he meu, tambem he delles.

Zab. Fóra com a tal maroteira!
 Guarde lá o seu conselho,
 Sobre estes pontos de amor,
 Eu cá sou Portugal velho.

Pap. Não te esfalfes mais com isso,
 Sobre mim rezahe a affronta,
 Sou mulher, e despicalla
 Corre cá por minha conta:
 Mas desejava saber,
 Se humens que tem tal bóla,
 Achem mulheres, que pensem
 Por essa mesma bitóla;
 Se o Zabumba fosse desses,
 Não havia em mim achar,
 Quem a tão vis pensamentos

Se quizesse accommodar.

Tab. Se eu fosse outro socio,
Não havias consentir?

Pap. O' sem duvida, por força,
Dá-me vontade de rir:

Que grande moço, por certo,

Para qualquer se elevar!

Só fallar nisso me faz

Engulhos de vomitar.

Tab. Não tem duvida, menina,

Comigo não tome enjões,

Que eu cá também não os tomo.

Acho-lhe muita razão

De embutir-nos o seu mômo,

Porem eu estou nas malvas,

Com os seus desprezos engordo.

Eu vou cantar sobre o caso,

Para ficarmos d'acordo. *Canta, e vai se.*

Zab. A cantiga ouvi de ardido,

Amou mais que eu suppunha;

Mas não lhe fez bom cabello

Aquelle pião na unha.

Ora adeos, minha Senhora,

Se foi comigo a visão,

Aqui estava a seu respeito

Já muito escorreito, e são.

Pap. Já não me falles em tal,

Bem sei que a asneira foi minha;

Mas não has de perdoar-me,

Se eu estava com a pinguinha?

Zab. Perdão, e mais que perdão.

Pap. Porem dize, ha tantos dias

Por onde he que tens andado,

Cuidei já que me fogias.

Zab. Marinheiro sou de amor,

E attivo marinheiro,

E bem que outro nar navegue,

Nunca fujo ao captivoiro.

Sahe o Preto, e Isabel.

Izob. Code, acede. sicro blanco,

O Estrangeiro he descarhada,

Tem os pinga nos cabeça,

E dá em dar gragaiada.

Pret. He huma bebedeira aregre;

Pap. Elle com vinho he galante,
Em me vendo, não me larga,
E dá-lhe em ser meu amante.

Zab. Isso ha de ser engraçado:
Quem me déra esta funcção;
Porque hum namorado destes
Não dá pena, nem paixão.

Sahe o Inglez.

Ingl. O gente de minha terre
São de humor triste, e sombrio,
Eu sou Inglez de outre caste,
E sempre estar de alegrie:
O' bem vinde, bem chegade,
Eu tem contigue segrede,
E não quer que ninguem oice;
Mas oice, ou não, não tem mede:
Oice embore o munde tode,
Que eu te ame sinceremente,
E não digue tude ainda;
Mas emfim, estar contente,
Muites vezes fiz viagem
A muitas Portes Francezes,
Goste muito deste gente,
Sou Francez as mais das vezes.

Pap. Canta, meu rico Estrangeiro.

Ingl. Sou teu rique com effeite!

O' que cariahe bregeire! *Canta.*

Pap. Bravo, bravo, muito bem.

Zab. Viva, viva, sô futre borrarxo!

Mas em premio da cantiga,
Hade ser bem trabalhado.

Ingl. Non me pique, estar contente.

Pap. Não te piques, meu bemzinho,
E leva em ar de fineza
Este supapo brandiuho.

Ingl. Tude teu leva em goste,
Seja per mal, ou per bem,
Non me pique, estar contente;
Eu quer dar-te outre tambem.

Isab. Que te palete o Estrangeiro?

Blinca tanto, sendo hum cão
 He mesmo huns implitente,
 Que todos são canzarrão,

Pret. Não falles em cão, pletia,
 Que ere póde responder
 Que mais cão são os cão de rabo,
 Ou que he mais nozo qualquer.

Pap. nda cá, meu rico amante.
 Chove em ti como na rua.

Ingl. Non me importe estar contente,
 Esta chuva he coize tue.

Zab. Esta palmada tambem
 He galante, porque he minha.

Ingl. Cada hum dá o que tem consige
 E da seu coize ha bestinhe:

Por tal toma estás graças.

Mas com tude estar contente.

Eu sou Inglez de outre, mas non sou
 Como outres certamente.

Sahe o Taberneiro

Tab. Venho meter-me na festa,
 Inda que seja no cabo.

Que não deve haver farofia,

Sem que tenha Cruz Diabo.

Vamos cantar, e bailar.

Zab. Eu por mim vamos a isso,
 O meu genio he farfalhar.

Tab. Ahi vem a Ronda do Bairro,
 Creio que a temos travada.

Zab. Veio em hora bém boa,
 Para entrar na patuscada.

Sahe o Cabo, e a ronda.

Cab. O' lá da parte da ronda,

Tenhão mão, ninguem se bula;

Quero saber mudamente

Quem he toda esta matula.

Zab. Pois quer saber quem en sou?
 Olhe lá bém o que ùiz,

Porque talvez que a mostarda

Depois lhe chegue ao nariz.

Ca hum homem deste lote,

Quando a capa desembriila,

Não torna a ferrar o panno,
 Sem que alguém lhe sinta bulha:
 Se atreima a saber quem eu sou,
 Póde ser lhe custe caro,
 Que ás vezes leva nas ventas
 O cão que vem pelo faro.

Cab. Fóra, como elle he chibante!
 Com este não quero nada, *á p.*
 E vossê porque não tem
 Esta porta já fechada?

Tab. Porque não quero fechala,
 He a resposta que lhe dou.

Cab. A mim assim se responde?
 Não conhece que o Cabo sou,
 Que suppro de alcaide a falta?

Tab. E vossê tambem não sabe,
 Que sou Sargento de malta?

Cab. Pois olhe que he grande cousa,
 Não lhe invejo a tal fortuna,
 Nem o sofo privilegio,
 Com que agora me importuna:
 Amigo, isso só lhe serve
 De gastar na farda liza
 Quanto sempre vai pilhando
 Dos quartilhos que baptiza,
 Mas eu por mim não lho provo,
 Porque os Christãos instruidos
 Nunca fórmão argumentos
 Com os Mouros já reduzidos
 Em fim esta vá de impace,
 Porém trate de se abster,
 Porque o tal de vinho auxilio
 Nem sempre lhe ha de valer;
 E esse fútre borracho;
 Q e me está rangendo o dente;
 Diga quem he, e o que faz?

Ingl. Non faz nada, estar contente,

Cab. Está contente, não duvido:
 Nessa bella situação
 Está contente todo o mundo,
 Sem ter peuna, nem paixão:
 Grande vazilha por certo,

Mas nós não temos inveja
A cabeças costumadas
A toldar-se com serveja.
E os taes caxorros, quem são

Pret. Caxorro vozo será,
Senão sabe cortezia,
Os pleto lhe ensinará.

Izab. Deixa pleto não te enfada,
O sioro quéri cucanha,
Esta gente de Justiça,
Ai, ai, que sabe da manha.

Cab. Oh canalha, assim me trata!
Cerca, companheiros, cerca.

Zab. Ai, meu amigo, que molho?
Pois talvez que a chança perca.

Cab. Tenha mão, eu já lhe disse,
Que com vossê não he nada,
Porque já á muitos tempos
Conheço que he camarada.

Zab. Já vejo que não conhece,
Quem hé no mundo o Zabumba;
Que tem feito ao Cemiterio
Ir muitas vezes a tumba:

Tendo dezoito viagens
Dáquem, e dalém da linha,
Comi os mares, e os ventos;
Como quem come gallinha.

A bordo do Bom Sucesso
Fui a Argel com vento em pôpa?

Onde entre fracos, e fortes
Se vio quem tinha mais roupa:

Eu cá sou da plebe baixa?
Fui Marujo, e vim Marujo;

Mas de sangue de canalha,
Trouxe todo o fato çujo.

Cab. Não duvido desse esforço;
Mas homem tenha paciencia,

E veja bem o que faz.
Se me embrulha a diligencia,

Bem vê que neste acto agora
Ai do Cabo alvoraçado,

Como Juiz da Cazinha,

Que tem ar de Magistrado,

Zab. Com toda a sinceridade
Já lhe disse quem eu sou,
E se mais claro quer ver,
Depressa mostrar-me vou.

Cab. Inda lhe torno a dizer,
Que com vossê não he nada,
Mas que hei de levar preza
Toda esta cambulhada.

Zab. Quaes prezos nem meios prezos,
Daqui não ha de ir ninguém.

Cab. Pois ha de ir tudo por mal,
Já que não querem por bem.
Já me vai chegando muito
Toda a mostarda ao nariz :
Ningnem deve respingar-me,
Que aqui só eu sou Juiz.

Zab. Por mal, por mal, quem se atreve,
O' vil canalha, são poucos,
Huns a furo, outros a golpe,
E o résto vai tudo a socos.

Vai-se a ronda,

A mim, a mim, mas que he,
A rua está despejada.

CORO.

Viva, viva o Senhor Cabo,
Que em socego nos deixou,
Mal que vio o ar toldado,
Com os cachimbos abalou.

F I M.

LISBOA : 1826.

NA OFFICINA DE A. L. DE OLIVEIRA:

Portas de St.º Antão N.º 9.

Cóm licença.